

Presidente propará entendimento

JOCIMAR NASTARI

TÓQUIO — O presidente Fernando Collor emitiu ontem claros sinais de que o Brasil está disposto a assumir uma posição mais flexível na renegociação da sua dívida externa junto aos bancos credores, durante seu discurso no “Keidanren Kaikan” (Confederação das Indústrias do Japão), no último dia de sua visita de quatro dias a este país. O presidente dedicou metade de seu discurso de quase uma hora à questão da dívida externa, afastando o risco de confronto com os credores. Disse que o governo não está disposto a impor nenhum limite para a negociação, nem mesmo sobre os juros atrasados.

Collor também utilizou boa parte de seu pronunciamento para pedir a volta de investimentos de empresas japonesas ao Brasil. Ele argumentou que seu governo está realizando um grande esforço para a estabilização e modernização da economia. O discurso do presidente foi pontilhado por termos como “conciliação, entendimento e diálogo”, entre outros, quando se referiu a renegociação da dívida com os bancos internacionais.

Apesar do tom conciliador do discurso, Collor reafirmou o prin-

cípio básico da proposta de refinanciamento da dívida apresentada pelo Brasil aos bancos há um mês: o da capacidade de pagamento limitada aos superávits fiscais do País. O presidente também rebateu as críticas mais pesadas dos credores o contra o plano de renegociação brasileiro. “O governo brasileiro repudia qualquer insinuação de que sua proposta de pagamento da dívida não seja considerada séria”, afirmou.

Segundo um integrante da comitiva brasileira que acompanhou Collor em Tóquio, essa frase do pronunciamento do presidente foi destinada aos credores que, anonimamente, criticam a proposta brasileira. O assessor garantiu que a resposta de Collor não foi destinada ao vice-presidente dos Estados Unidos, Dan Quayle, que foi recebido por Collor na segunda-feira, em suite no Hotel Imperial.

O auxiliar, que presenciou o encontro, revelou que Quayle reclamou da proposta da renegociação brasileira e deixou claro que o governo norte-americano gostaria que o Brasil retomasse os pagamentos dos juros, suspensos desde junho de 1989. Mas o integrante da comitiva garantiu que o vice-presidente em nenhum momento che-

gou a classificar o projeto de refinanciamento do Brasil como pouco sério.

RESPOSTA

A posição flexível, segundo a versão difundida pelos integrantes da comitiva que visitou o Japão, marcará a resposta do Brasil à contraproposta apresentada pelos bancos credores na semana passada, para que o País pague, até o final do ano, US\$ 2,5 bilhões dos US\$ 8,5 bilhões de juros atrasados desde junho de 1989. A resposta à contraproposta será definida hoje, durante reunião que Collor manterá com a equipe econômica.

O porta-voz da Presidência da República, Cláudio Humberto Rosa e Silva, disse que Collor pretende iniciar a reunião menos de duas horas depois de chegar a Brasília. Collor está com pressa de responder aos bancos, revelou o porta-voz. No final de semana, o embaixador extraordinário para a renegociação da dívida externa, Jório Dauster, embarcará para Nova York (EUA), onde apresentará a resposta brasileira.

□ *Leia a íntegra do discurso do presidente Collor na página 4*